

O PALCO DA BORRACHA: SOCIABILIDADES, IMAGENS E RITUAIS NO HOTEL CASSINA EM MANAUS

THE RUBBER STAGE: SOCIAL INTERACTIONS, IMAGES AND RITUALS AT THE CASSINA HOTEL IN MANAUS

Clodoaldo Matias da Silva¹
Matheus Frota Guimarães de Melo²
Denison Melo de Aguiar³

RESUMO: A pesquisa investiga o Hotel Cassina, localizado no centro histórico de Manaus, como palco de sociabilidades e rituais sociais que marcam a trajetória da cidade desde a *Belle Époque* amazônica até sua transformação em ruína patrimonializada. O objetivo consiste em compreender de que maneira o edifício, antes espaço de distinção e prestígio, converte-se em arena de memórias plurais atravessadas por práticas de poder, violência e exclusão. A metodologia combina análise documental, levantamento bibliográfico e interpretação de registros visuais, incluindo fotografias, narrativas orais e decretos normativos, articulados à compreensão antropológica da cidade como espaço de disputa simbólica. O estudo demonstra que o Cassina não pode ser reduzido a um objeto arquitetônico isolado, mas deve ser lido como organismo social que se reinventa a partir dos usos e significados atribuídos por diferentes grupos. As imagens associadas ao edifício, produzidas em diferentes tempos, participam da construção de sua memória histórica e evidenciam como os espaços urbanos são atravessados por camadas de sentidos, entre celebração e estigma. O reconhecimento jurídico do prédio como patrimônio cultural em 2004 é interpretado como ritual de revalorização simbólica, que não apaga as contradições de sua trajetória, mas as reinscreve em novas formas de visibilidade. Conclui-se, de forma preliminar, que o Cassina opera como arquivo vivo da modernidade amazônica, condensando glórias, tensões e silêncios, e reafirma que a memória urbana se constitui por disputas em torno do que deve ser preservado, esquecido ou ressignificado.

Palavras-chave: Amazônia. História urbana. Imagem. Memória. Patrimônio.

¹Mestrando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Especialista em Antropologia Social, Antropologia Forense, Docência do Ensino em Antropologia, Gestão Escolar com Ênfase em Administração, Supervisão, Orientação e Inspeção Escolar, Ensino de Filosofia, Sociologia e História; Neuropsicopedagogia e Psicanálise Clínica; Psicanálise, Psicoterapia e Psicopatologia do Adolescente; e, Cultura Indígena e Afro-brasileira pela Faculdade do Leste Mineiro - FACULESTE. Graduado em Geografia pelo Centro Universitário do Norte - UNINORTE. Membro do Núcleo de Produção Científica e Editoração do Curso de Direito da UEA - NEDIR/UEA. Editor Assistente da Equidade: Revista Eletrônica de Direito da UEA. Professor (Fundamental II e Médio) de Geografia da Escola Laviniense Ensino Integrado.

²Discente do Ensino Médio da Escola Laviniense Ensino Integrado.

³Pós-Doutor em Direito pela UniSalento (Itália-2024). Doutor em Direito pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGD/ UFMG). Mestre em Direito Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Direito Ambiental da Universidade do Estado do Amazonas (PPGDA/ UEA). Graduado em Direito pela Universidade da Amazônia (UNAMA/PA). Coordenador do Núcleo de Produção Científica e Editoração do Curso de Direito da UEA - NEDIR/UEA. Editor Chefe da Equidade: Revista Eletrônica de Direito da UEA.

ABSTRACT: The research investigates the Hotel Cassina, located in the historic centre of Manaus, as a stage for sociabilities and social rituals that have shaped the city's trajectory from the Amazonian *Belle Époque* to its transformation into a patrimonial ruin. The objective is to understand how the building, once a space of distinction and prestige, becomes an arena of plural memories crossed by practices of power, violence, and exclusion. The methodology combines documentary analysis, bibliographic survey, and interpretation of visual records, including photographs, oral narratives, and legal decrees, articulated with the anthropological understanding of the city as a space of symbolic dispute. The study shows that the Cassina cannot be reduced to an isolated architectural object but must be read as a social organism that reinvents itself through the uses and meanings attributed by different groups. The images associated with the building, produced over time, participate in the construction of its historical memory and highlight how urban spaces are traversed by layers of meaning, between celebration and stigma. The legal recognition of the building as cultural heritage in 2004 is interpreted as a ritual of symbolic revaluation that does not erase the contradictions of its trajectory but reinscribes them in new forms of visibility. It is concluded, preliminarily, that the Cassina operates as a living archive of Amazonian modernity, condensing glories, tensions, and silences, reaffirming that urban memory is constituted by disputes over what should be preserved, forgotten, or re-signified.

Keywords: Amazon. Heritage. Image. Memory. Urban history.

INTRODUÇÃO

O Hotel Cassina emerge como um símbolo privilegiado para compreender as tensões históricas da Manaus da borracha, funcionando como espaço de sociabilidade, distinção e ritualidade social em um período de intensa transformação urbana. O título escolhido, O palco da borracha: sociabilidades, imagens e rituais no Hotel Cassina em Manaus, sintetiza a proposta central do artigo: investigar como este edifício, inicialmente erguido para abrigar elites econômicas e culturais, se converteu em lugar de disputas simbólicas que atravessam temporalidades distintas. Nesse horizonte, a questão que orienta a análise é: De que maneira o Cassina se constituiu como palco de sociabilidades e rituais sociais e como as imagens produzidas em torno dele participam da construção de sua memória histórica e patrimonial?

Nesse sentido, torna-se necessário refletir sobre as razões que justificam tal escolha temática, pois nesse cenário, o Cassina não apenas espelha a prosperidade econômica e a ambição cosmopolita do auge da borracha, mas também revela as fraturas de uma sociedade marcada por desigualdades, violências e exclusões. Sua transformação em cabaré, associado ao tráfico internacional de mulheres, expõe a face oculta de uma cidade que, ao mesmo tempo em que celebrava sua modernidade, alimentava práticas de exploração profundamente enraizadas. Assim, o estudo propõe compreender o Cassina como objeto de investigação que condensa

dimensões sociais, históricas, jurídicas e culturais, constituindo-se em campo fértil para análises interdisciplinares.

Além disso, cabe destacar a relevância social, acadêmica e histórica de revisitar esse espaço, no plano social, contribui para o reconhecimento das memórias silenciadas de mulheres que tiveram suas vidas atravessadas pela exploração e pela violência. No plano acadêmico, permite expandir os diálogos entre antropologia, história e estudos de patrimônio, oferecendo um olhar crítico sobre os processos de preservação e esquecimento. No plano histórico, projeta-se como oportunidade de revisitar narrativas da *Belle Époque* amazônica, enquanto no plano jurídico insere-se nos debates sobre a tutela dos bens culturais e as disputas em torno da memória urbana.

Por outro lado, essa discussão não se desenvolve no vazio, mas em diálogo com uma tradição de pesquisas que problematizam a relação entre espaços urbanos, práticas de sociabilidade e circuitos de exploração sexual. Diferentes abordagens têm evidenciado como edificações, ora celebradas como ícones arquitetônicos, ora estigmatizadas como ruínas, operam como lugares de memória. No caso do Cassina, a análise de suas imagens, registros documentais e narrativas orais permite entrelaçar a materialidade do edifício com a performatividade social, revelando o modo como diferentes camadas históricas se sedimentam em torno de um mesmo espaço.

3

Para tanto, a metodologia adotada combina análise documental, levantamento bibliográfico e interpretação de registros visuais, o uso de fotografias, decretos de tombamento, relatos memorialistas e narrativas orais será articulado com bibliografia especializada, em perspectiva comparativa. Essa opção metodológica justifica-se pela necessidade de compreender o Cassina como um objeto cuja biografia atravessa distintos regimes de visibilidade, passando da consagração pública ao estigma da marginalidade e, por fim, à revalorização patrimonial. Assim, a investigação privilegia o entrelaçamento entre materialidade arquitetônica, imagens e performances sociais.

A estrutura do artigo contempla esta Introdução, em que se apresentam tema, justificativa e caminhos metodológicos; segue-se a Fundamentação Teórica, dividida em quatro seções que abordam o Cassina na *Belle Époque*, os rituais de sociabilidade, a transformação em cabaré e o processo de patrimonialização; posteriormente, a Conclusão retoma os principais achados e propõe novas linhas de investigação; por fim, as Referências apresentam o conjunto de obras que sustentam a reflexão. Ao adotar tal percurso, pretende-se não apenas revisitar um

edifício emblemático, mas também ampliar os horizontes interpretativos sobre memória, imagem e ritual em contextos amazônicos.

O Hotel Cassina e a *Belle Époque* Amazônica

O cenário urbano de Manaus no início do século XX se transformava em consonância com os fluxos econômicos da borracha, redefinindo práticas sociais e culturais. A expansão da cidade projetava uma imagem de modernidade que se materializava em construções marcadas pelo desejo de distinção. Nesse movimento, o Hotel Cassina (Figura 1) emergia como um espaço privilegiado de sociabilidade, conectando elites políticas e intelectuais. A dimensão simbólica de tais encontros reflete o que Coutinho (2006) aponta como a constituição de uma memória urbana atravessada por signos de poder e prestígio.



Figura 1. Propaganda do Hotel Cassina.

Disponível em: <<https://portalamazonia.com/cultura/conheca-a-historia-do-cabare-chinelo-atual-casarao-cassina-em-manaus/>>. Acessado em: 10.set.2025.

A vida social ligada ao Cassina não pode ser dissociada da dinâmica econômica que sustentava a *Belle Époque* amazônica, pois, a riqueza gerada pela borracha conferia à cidade um caráter cosmopolita, traduzido em práticas culturais que buscavam legitimar sua inserção no mundo moderno. Oliveira (2003) descreve essa ambiguidade entre a “cidade doce e dura”, marcada pela ostentação das elites e pela precariedade estrutural das classes populares, assim, o

Cassina deve ser compreendido como palco onde os rituais de distinção reafirmavam hierarquias sociais, inserindo Manaus em redes simbólicas mais amplas.

Nesse contexto, a centralidade do Cassina se inscreve na cartografia urbana como espaço de circulação de ideias e imagens que transcendiam a própria materialidade arquitetônica. Pinheiro (2003) indica que o Porto de Manaus (Figura 2) e seus fluxos de trabalho dialogavam diretamente com os lugares de sociabilidade, evidenciando como os espaços se entrelaçavam na produção da cidade. O Cassina, portanto, não se restringia à função de hospedagem, mas se projetava como ponto de encontro estratégico, no qual se ritualizava a própria noção de progresso e pertencimento urbano.



Figura 2 Entrada do Roadway da Manaos Harbour, ponte do porto de Manaus..

Fonte: Anuário de Manaus, 1913-1914.

Além disso, é preciso considerar que a arquitetura do Cassina simbolizava mais do que formas estéticas, carregando significados sociais e políticos. A monumentalidade de seus traços refletia a intenção de inscrever Manaus em uma narrativa de grandeza compartilhada com outras capitais amazônicas. Sarges (2010) analisa como a *Belle Époque* de Belém também se apoiava em construções que performavam riqueza e distinção, sugerindo que havia um diálogo transregional na configuração desses símbolos, nesse contexto, o Cassina se insere nesse circuito como expressão de um imaginário coletivo que buscava legitimar a região no cenário nacional.

Sob outra perspectiva, a interpretação das práticas culturais em torno do Cassina remete às inquietações da escrita da história, em sua pesquisa, Chartier (2002) argumenta que os objetos culturais não podem ser compreendidos apenas como reflexos de uma época, mas como agentes ativos de construção simbólica. Ao aplicar essa chave de leitura, percebe-se que o Cassina não se limitava a ser receptáculo de encontros sociais, mas atuava na formação de identidades urbanas. A análise desse espaço revela como os rituais de sociabilidade se materializavam em imagens que estruturavam modos de ver e viver a cidade.

Com efeito, o Cassina se tornava espaço de síntese de tensões que atravessavam o tecido social manauara, onde, o encontro entre diferentes atores, articulados em torno de práticas políticas e culturais, consolidava uma elite que se legitimava pela visibilidade. Coutinho (2006) observa que a história cultural da cidade é permeada por esses lugares de distinção, onde a performance social adquiria força quase ritual. Assim, o Cassina pode ser lido como instância de visibilidade, na qual o corpo urbano se expressava em gestos e imagens que transcenderam sua materialidade física.

É igualmente necessário destacar que as dinâmicas sociais em torno do Cassina não se davam de modo isolado, mas em permanente diálogo com a economia global da borracha. Oliveira (2003) registra como a cidade experimentava simultaneamente prosperidade e precariedade, criando contrastes que atravessavam seus espaços. Nesse ambiente, o Cassina representava um ponto de convergência de expectativas cosmopolitas, no qual se projetavam rituais de pertencimento e exclusão, sob esse prisma, a compreensão desse edifício exige reconhecer como ele condensava as tensões da modernidade amazônica.

Paralelamente, a relação entre trabalho portuário e espaços de sociabilidade evidencia a interdependência entre as estruturas produtivas e os lugares de encontro das elites, em sua obra, Pinheiro (2003) enfatiza que o porto não apenas sustentava a economia, mas também reorganizava a vida cotidiana da cidade, refletindo-se na circulação de sujeitos e símbolos. O Cassina, situado nesse cenário, se tornava uma extensão dos fluxos que conferiam sentido à urbanidade manauara. Ao analisar tais vínculos, é possível compreender a densidade social que conferia legitimidade a esse espaço como ícone de sua época.

Outro aspecto a considerar é a forma como o Cassina participava de um circuito imagético compartilhado com outras capitais da região, nessa linha, Sarges (2010) ressalta que a monumentalidade de Belém dialogava com Manaus, indicando que havia um esforço de ambas em performar riqueza e inserção internacional. Nesse horizonte, o Cassina deve ser

interpretado como elemento fundamental de um repertório de símbolos que, ao mesmo tempo, revelava e ocultava contradições sociais. A sua presença reafirma que os espaços urbanos eram também construções discursivas, carregadas de intencionalidade e memória.

Por fim, convém assinalar que a leitura do Cassina como palco da *Belle Époque* não se esgota na análise de sua arquitetura ou de seus frequentadores, Chartier (2002) recorda que os lugares devem ser interpretados como textos, nos quais se inscrevem narrativas múltiplas e disputadas. Assim, o Cassina se apresenta como um documento vivo, no qual as sociabilidades da borracha se ritualizaram em imagens e gestos. Esse percurso conduz à próxima seção, dedicada a explorar as ritualidades sociais que se estruturaram em torno desse espaço, enfatizando os modos pelos quais ele se tornou palco de distinções e performances de poder.

Ritualidades sociais: luxo, distinção e urbanidade

As práticas sociais que se materializaram no Cassina revelam como o espaço urbano pode ser lido como palco de performances de poder, pois, o edifício não apenas acolhia hóspedes, mas se constituía em lugar de encenação da modernidade e da sofisticação desejada pela elite (Figura 3). Aguiar (2002) descreve como as praças e os espaços coletivos da cidade funcionavam como arenas simbólicas, e o Cassina se inseria nesse mesmo circuito de visibilidade. A ritualização da presença marcava a distinção entre os que participavam do cenário e os que permaneciam à margem.

7

Nesse sentido, a urbanidade do Cassina precisa ser compreendida em diálogo com outras formas de sociabilidade que estruturavam a cidade. Figueiredo (2010) mostra como os bairros populares também construíam memórias e experiências, evidenciando que a cidade se constituía a partir de múltiplos registros. O Cassina se destacava por estar associado a uma elite cosmopolita que buscava legitimar sua posição por meio de festas e encontros, nesse contexto, a performance social, sustentada pela arquitetura do espaço, inscrevia-se na memória coletiva como signo de prestígio.

A análise das relações no interior do Cassina deve considerar que o corpo social ali reunido se apresentava em gestos cuidadosamente regulados, em sua pesquisa, Cardoso (2010) aponta que, mesmo em contextos distintos, as normas de gênero e as expectativas sobre comportamento moldavam as interações sociais. No Cassina, esses códigos se traduziam em ritualidades que reforçavam papéis estabelecidos, vinculando o luxo e a distinção à identidade

urbana, assim, a presença nos eventos se tornava mais do que participação: era afirmação de pertencimento.



Figura 3. Faixada do Hotel Cassina.

Fonte: Anuário de Manaus, 1913-1914.

Com efeito, a memória urbana da cidade é permeada por registros que ultrapassam documentos escritos e se inscrevem também na oralidade, Freitas (2006) discute as potencialidades da história oral para revelar narrativas que a documentação oficial muitas vezes silencia. No caso do Cassina, tais relatos permitem perceber como a sociedade construía imagens de si mesma ao redor daquele espaço, isso porque, as memórias evocadas não são apenas lembranças, mas rituais discursivos que alimentam a permanência simbólica do edifício.

Além disso, os rituais de distinção não se restringiam à afirmação de classe, mas também à configuração de identidades sexuais e afetivas. Priore (2011) demonstra como a sexualidade, em diferentes momentos da história brasileira, funcionou como campo de disputas simbólicas. O Cassina, ao abrigar encontros e celebrações, se tornava também território de corporalidades reguladas e vigiadas. A ritualização dos afetos ali presentes revela como as elites produziam narrativas sobre si mesmas, ao mesmo tempo em que delimitavam fronteiras de exclusão.

De modo semelhante, a construção de uma identidade urbana sofisticada estava vinculada a imaginários globais. Stearns (2010) analisa como a história da sexualidade foi atravessada por práticas que combinavam desejo e disciplina. O Cassina se insere nessa

perspectiva como espaço no qual a urbanidade amazônica dialogava com modelos externos, adaptando-os às condições locais. As imagens produzidas em torno do hotel consolidavam esse esforço de inserção cosmopolita, afirmando a cidade em um cenário maior.

A articulação entre poder e imagem no Cassina demonstra que os espaços urbanos não apenas refletem, mas produzem realidades sociais. Aguiar (2002) sugere que a materialidade da cidade se entrelaça com a construção de sentidos coletivos, e nesse processo o Cassina ocupava posição estratégica. O ritual de estar presente ali significava mais do que usufruir de serviços: era parte de um jogo simbólico de prestígio. A própria arquitetura se tornava expressão da distinção, legitimando a prática social como espetáculo público.

Ademais, os registros memorialistas permitem compreender como a lembrança do Cassina foi transmitida e ressignificada ao longo do tempo. Figueiredo (2010) evidencia que a memória de bairros populares dialoga com a história da cidade em camadas sobrepostas. Assim, a rememoração do Cassina não é neutra, mas carregada de intencionalidades que reforçam a imagem de um espaço privilegiado. As narrativas sobre festas e encontros são, elas próprias, formas de ritualização da memória urbana.

Ao observar as relações de gênero presentes nas práticas sociais do Cassina, torna-se visível que as mulheres também eram fundamentais nesse processo. Cardoso (2010) discute como os vínculos conjugais e afetivos moldaram a organização social em diferentes contextos, e essa perspectiva ilumina a participação feminina no hotel. No entanto, a visibilidade concedida às mulheres estava frequentemente marcada por códigos de comportamento que reafirmavam distinções. Essa dimensão de controle dialogava com as performances masculinas de poder que estruturavam a elite.

Diante de tais elementos, o Cassina pode ser interpretado como locus privilegiado para compreender a urbanidade amazônica como ritualidade social. Priore (2011) e Stearns (2010) mostram que os espaços de sociabilidade estão intrinsecamente ligados a práticas de regulação de corpos e afetos, e nesse sentido o Cassina sintetizava múltiplas tensões. Ao enfatizar a performatividade de suas elites, abre-se caminho para compreender sua transformação posterior, quando o espaço passou a abrigar novas dinâmicas sociais. É a esse processo de mudança, marcado pelo rebaixamento a cabaré e pela exploração, que a próxima seção se volta.

Do esplendor ao Cabaré: prostituição, tráfico e violência

A derrocada da economia da borracha repercutiu diretamente sobre os espaços de sociabilidade, e o Cassina se tornou um dos símbolos mais expressivos desse declínio, o que antes era palco da distinção converteu-se em lugar associado à marginalidade e à exploração. Orun (2012) mostra como a *Belle Époque* amazônica abrigava práticas subterrâneas que articulavam prazer, violência e exclusão, revelando que os mesmos espaços de luxo poderiam ser ressignificados, o Cassina ilustra essa transformação ao encarnar os contrastes da modernidade amazônica.

Nesse processo, a prostituição despontou como prática estruturante de um circuito transnacional que atravessava as grandes cidades brasileiras. Largman (2007) demonstra que mulheres oriundas da Europa oriental, conhecidas como polacas, eram deslocadas em redes que combinavam migração forçada e exploração sexual. Em Manaus, a presença dessas mulheres convergia para espaços como o Cassina, revelando o entrelaçamento entre deslocamentos globais e práticas locais, nesse cenário, o hotel, agora convertido em cabaré, encarnava a fragilidade de vidas atravessadas pela violência.

Entre muitas adaptações, o “Baixo Meretrício” significava uma saída para mulheres marcadas pelo tempo, pela labuta, como para belas jovens que desconheciam as estratégias e os melhores espaços para a prostituição. Também era a alternativa de prostitutas experientes que não foram incorporadas às melhores, atrativas e bem cotadas casas lupanares, quiçá por suas feições, hábitos, ornamentos e comportamentos que não eram os projetados por clientes abastados (Santos Júnior, 2005, p. 92).

10

Além disso, a análise de práticas de prostituição em outras cidades ilumina as dinâmicas que se consolidaram na capital amazonense, Fiorenti (2007) indica como a prostituição urbana em diferentes contextos esteve vinculada a uma lógica de regulação e estigmatização social. Essa perspectiva ajuda a compreender como o Cassina, ao ser rebaixado a cabaré, foi atravessado por processos semelhantes de marginalização, a imagem pública do espaço passou a ser marcada por estigmas que dialogavam com discursos de moralidade e exclusão.

Na “Zona”, a vigilância ostensiva da polícia estava sempre presente com rondas periódicas. Eram nas Ruas Itamaracá, Estrada Epaminondas e Frei José dos Inocentes, com seus inúmeros bares, botequins e pequenos hotéis de 3ª classe, “casas de tolerância”, como a “Pensão da Mulata” onde, segundo as autoridades, “reuniam-se indivíduos de toda casta”, e a casa de diversões “El Dorado”, reputada como “um ninho de mulheres de vida fácil” que a prostituição se mostrava de forma mais explícita, com menor intensidade em outras áreas (Santos Júnior, 2005, p. 94).

A vigilância policial ultrapassava as ruas centrais, as casas de diversão e as hospedarias, alcançando também as proximidades do mercado público e estabelecimentos como o Café Suíço (Figura 4), centro para onde converge a escória social de Manáos. Nesses espaços a

repressão policial se manifestava de forma efetiva e cotidiana, marcando o controle sobre diferentes segmentos sociais. Praças, ruas próximas ao porto e demais estabelecimentos eram ocupados por meretrizes, cuja presença tornava-se constante, reforçando um cenário urbano em que a vigilância assumia papel estruturante da ordem e do disciplinamento.



Figura 3. Faixada do Cafés na Bella Époque.
Fonte: Anuário de Manaus, 1913-1914.

Nesse processo, os vínculos de gênero adquirem papel central para interpretar as transformações sociais, pois o corpo feminino tornava-se objeto de negociação. Pasini (2005) observa que a prostituição feminina estava inserida em contextos atravessados por desigualdade, nos quais as relações de poder estruturavam práticas cotidianas. No Cassina, essa lógica se intensificava, revelando um sistema que legitimava tanto a exploração quanto a violência. A mudança espacial demonstra como o prestígio da *Belle Époque* foi sendo substituído por dinâmicas de marginalidade, modificando a experiência urbana e as representações sociais da cidade.

As áreas públicas de maior fluxo de transeuntes, como as citadas anteriormente, configuravam-se como pontos estratégicos do baixo meretrício, marcando circuitos específicos de circulação e controle. A tabela a seguir, retirada do periódico *O Chicote* (1914), evidencia de modo detalhado um roteiro da prostituição nas ruas de Manaus. A publicação atribui valores

diferenciados a cada espaço e à qualidade dos serviços oferecidos, revelando um olhar hierarquizador. O tom do redator, como era comum naquele período, apresenta-se de forma fortemente pejorativa e carregada de juízos morais sobre essas práticas.

Rua	Preço
Epaminondas	4\$000
Itamaracá	3\$500
Dez de Julho	3\$000
José Clemente	2\$800
Lobo D'Almada	2\$600
Joaquim Sarmento	2\$400
Costa Azevedo	2\$200
São Marinho	2\$000
Vinte e Quatro de Maio	1\$800
Eduardo Ribeiro	1\$600
Independência	1\$500
Dos Andradas	1\$400
Beco do Comércio	1\$200
Praça dos Remédios	1\$000

Tabela 1. Variações da Zona da Devassa.

Fonte: O Chicote, Manaus, 22/02/1914.

Os espaços destinados à prostituição de baixo custo eram alvo de maior vigilância policial, não apenas porque concentravam esse tipo de prática, mas também porque ali se estabelecia o contato direto com a clientela popular. A composição social desses frequentadores reforçava a lógica repressiva, já que homens de “baixo estrato social” eram classificados pela polícia como igualmente suspeitos e perigosos, tal como as próprias prostitutas. Assim, a vigilância recaía de forma dobrada sobre esses focos, associando corpo, classe e criminalidade em um mesmo eixo de controle.

Na memória da prostituição no Brasil, emergem figuras e lugares que condensam disputas de poder e resistência. Como analisa Mello (2002), os bordéis atuavam como instituições que não apenas ofereciam prazer, mas também estruturavam relações sociais complexas. Nesse enquadramento, o Cassina pode ser compreendido como parte de um sistema

que articulava desejo e vigilância, no qual as mulheres eram atravessadas por redes de exploração. A trajetória do hotel, portanto, revela como esses ambientes se transformavam em arenas de disputas simbólicas, em que moralidade e corpo se tornavam campos de negociação.

De outro ângulo, as práticas de sexualidade ligadas a cabarés eram também moldadas por silêncios e interdições. Matté (2008) aponta como a contravenção se inscrevia na vida social a partir de códigos que regulavam o que podia ou não ser dito. No caso do Cassina, esse silêncio em torno das violências sofridas pelas mulheres revela um mecanismo de ocultamento que perpetuava desigualdades. A invisibilidade das vítimas fazia parte do próprio funcionamento do espaço enquanto ritual marginalizado.

No entanto, a prostituição não pode ser compreendida sem considerar a longa história da sexualidade no Ocidente. Blanc (2010) destaca que a história do sexo sempre esteve associada a práticas de poder, disciplinamento e prazer. Essa perspectiva contribui para perceber como o Cassina condensava múltiplas camadas simbólicas, funcionando como um microcosmo onde diferentes discursos se encontravam. A prostituição não era apenas prática econômica, mas ritual que produzia identidades e estigmas.

Do mesmo modo, os estudos sobre sexualidade apontam para a forma como os espaços urbanos funcionam como dispositivos de regulação social, Novaes e Lobo (2003) demonstram que, da pré-história aos motéis, o sexo foi continuamente inscrito em lugares específicos, onde se ritualizavam práticas e representações. O Cassina, transformado em cabaré, se insere nessa trajetória como local onde o prazer se misturava à violência e à exclusão. O hotel, assim, se tornava peça de um repertório urbano de práticas marginais.

Convém destacar que essa transformação também ressignificava o imaginário urbano, pois o Cassina deixou de representar prestígio e passou a simbolizar ruína moralizada. Orun (2012) mostra que os espaços da *Belle Époque* amazônica estavam marcados por contradições, e o cabaré materializava essa ambivalência. A cidade guardava a lembrança de um edifício que fora cenário de elites e que, mais tarde, se tornara signo de decadência, revelando o entrelaçamento entre economia, moralidade e memória urbana.

Se o universo da prostituição de luxo podia ser descrito em imagens que evocavam prazer, tranquilidade e certa segurança, ainda que ligadas à devassidão, o “baixo meretrício” se associava inevitavelmente a representações de animalidade, de brutalidade e de uma sexualidade sem freios. Nesse imaginário, figurava-se a ideia de uma orgia ilimitada, vista como o degrau máximo da degradação humana, em contraste com a sofisticação das casas

frequentadas pelas elites, tais construções simbólicas configuravam um campo moral de exclusão e estigma.

Nesse contexto, prostitutas pobres eram retratadas como expressão de uma “sordidez maldita”, vinculadas a uma volúpia descontrolada que aterrorizava os grupos privilegiados. A ênfase recaía menos sobre o ato da venda do sexo e mais sobre sua condição social, seus comportamentos e o espaço que ocupavam. Por essa razão, a polícia se fazia mais presente nos chamados “antros” do baixo meretrício, já que nesses lugares se manifestava a presença de sujeitos que a ordem urbana buscava ocultar.

Assim, ao considerar a trajetória do Cassina, percebe-se que sua transformação em cabaré ativou novas ritualidades, centradas em práticas de exploração e violência, isso porque, o edifício passou a carregar a marca da exclusão social, ao mesmo tempo em que refletia os deslocamentos de poder que atravessavam a cidade. Nesse sentido, a ruína não significava apenas decadência, mas o prenúncio de novas disputas simbólicas. Esse processo prepara o terreno para discutir, na seção seguinte, como a patrimonialização procurou ressignificar o Cassina como parte da memória cultural de Manaus.

Patrimônio, memória e narrativas contemporâneas

14

O tombamento do Cassina em 2004⁴ constituiu um marco simbólico para a cidade de Manaus, pois transformou uma ruína em patrimônio cultural (Figura 4). Esse gesto estatal configurou-se como ritual de reconhecimento, inserindo o edifício em um circuito de memória coletiva e de políticas de preservação. Aguiar (2012) sublinha que a dignidade humana se articula à tutela jurídica de bens culturais, indicando que a patrimonialização mobiliza disputas sobre identidade e pertencimento. Nesse sentido, o Cassina foi ressignificado como herança de uma modernidade ambígua.

Contudo, a condição de ruína não desapareceu com o tombamento, mas foi incorporada ao discurso oficial como parte de sua narrativa, em sua pesquisa Cavalcante e Guimarães (2007) observam que os espaços arquitetônicos não são apenas estruturas físicas, mas também

⁴ Não há um decreto específico de tombamento do Hotel Cassina em 2004, mas sim o Decreto nº 7.176, de 10 de fevereiro de 2004, que instituiu o Setor Especial de Unidades de Interesse de Preservação na área central histórica de Manaus. Esse instrumento normativo tem como objetivo regulamentar a proteção de um conjunto de bens culturais, incluindo paisagens e sítios históricos da região portuária. O Cassina foi classificado como unidade a ser preservada, o que significa que qualquer intervenção em sua estrutura está sujeita à apreciação do poder público municipal. A medida não apenas impede a destruição ou descaracterização do bem, mas também orienta para que as intervenções sigam critérios de restauração, respeitando as formas arquitetônicas originais e assegurando sua permanência na memória urbana.

repositórios de sentidos sociais. Assim, o Cassina, mesmo em estado degradado, continuou a representar uma camada da experiência urbana, entre memória e esquecimento, a ruína se tornou, paradoxalmente, instrumento de permanência simbólica e política.

Além disso, as memórias em torno do Cassina não são homogêneas, mas atravessadas por diferentes vozes e perspectivas. Silva *et al.* (2025) ressaltam que resistências femininas e interétnicas produzem narrativas que desafiam versões hegemônicas sobre a cidade. O edifício, nesse contexto, deixa de ser apenas símbolo da elite da borracha para se tornar campo de múltiplas disputas de significado, a patrimonialização, portanto, não é neutra, mas espaço de tensionamento de memórias coletivas.



Figura 4. Ruínas do Hotel Cassina.

Disponível em: < <https://mdc.arq.br/2023/06/29/casarao-da-inovacao-cassina/>>. Acessado em: 17.set.2025.

Em articulação com isso, é possível perceber que o tombamento do Cassina operou como rito de passagem do espaço marginalizado ao *status* de bem preservado (Figura 5), em sua pesquisa, Aguiar (2012) argumenta que esse tipo de reconhecimento jurídico é marcado por ambivalências, pois preserva ao mesmo tempo em que normatiza. No caso de Manaus, a inscrição do Cassina no rol de bens patrimoniais ampliou sua visibilidade, mas também delimitou os contornos de sua interpretação social, sendo assim, a memória se institucionalizou, sem eliminar as disputas em torno dela.

Do mesmo modo, as ruínas do Cassina ativaram discursos que revelam tensões entre poder e resistência, Cavalcante e Guimarães (2007) em sua pesquisa, indicam que a arquitetura de espaços de sociabilidade, mesmo transformados, permanece como índice da organização social. O Cassina, ao carregar em si a marca da prostituição e da exclusão, resiste a narrativas puramente celebratórias. A ruína questiona a própria ideia de patrimônio, deslocando o olhar para memórias incômodas que insistem em sobreviver.



Figura 4. Casarão Hotel Cassina.

Disponível em: < <https://mdc.arq.br/2023/06/29/casarao-da-inovacao-cassina/>>. Acessado em: 17.set.2025.

Ademais, as narrativas contemporâneas sobre o Cassina são atravessadas por projetos de memória que visam incluir sujeitos historicamente silenciados, Silva *et al.* (2025) demonstram que experiências femininas e interétnicas ampliam o repertório interpretativo da cidade, transformando o edifício em lugar de escuta. O patrimônio passa, então, a ser compreendido como espaço de reconhecimento e também de denúncia, nesse contexto, a pluralidade de memórias ressignifica a função do Cassina no presente.

Outro aspecto relevante é que o tombamento do Cassina deve ser interpretado como política cultural que dialoga com disputas de poder, em sua obra, Aguiar (2012) afirma que o reconhecimento de bens culturais não se reduz a técnica jurídica, mas traduz escolhas de caráter político e simbólico. A preservação do Cassina mobiliza o debate sobre quem tem direito de

narrar a história da cidade, nesse processo, o patrimônio é, ao mesmo tempo, instrumento de inclusão e exclusão.

Em continuidade, cabe refletir como a materialidade do Cassina dialoga com processos mais amplos de patrimonialização na Amazônia, em sua obra, Cavalcante e Guimarães (2007) reforçam que a arquitetura é atravessada por usos sociais que lhe conferem densidade histórica. Assim, o Cassina, mesmo reconfigurado como ruína preservada, permanece um espaço ativo na produção de sentidos, a sua presença no imaginário urbano revela que o patrimônio é prática viva, em constante negociação.

As narrativas atuais também mostram que o Cassina é espaço onde a memória oficial encontra a memória subterrânea, nesse contexto, Silva *et al.* (2025) assinalam que essa coexistência de versões gera fricções que obrigam a cidade a lidar com seu passado contraditório. O tombamento, nesse sentido, não encerrou os debates, mas inaugurou novas formas de disputar o significado da ruína, sendo assim, o patrimônio se tornou arena onde memórias coletivas se enfrentam e se reformulam continuamente.

Por fim, a reflexão sobre o Cassina como patrimônio urbano permite responder ao questionamento central da pesquisa, o edifício se constituiu como palco de sociabilidades ao reunir elites políticas, econômicas e culturais, transformando encontros cotidianos em rituais de distinção e pertencimento. As imagens produzidas em torno dele, sejam registros fotográficos, narrativas orais ou decretos de preservação, participaram ativamente da construção de sua memória histórica e patrimonial. Nesse processo, o Cassina não apenas refletiu práticas sociais, mas tornou-se agente na produção de sentidos coletivos, revelando como o espaço urbano amazônico se inscreve em disputas de poder, visibilidade e memória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões apresentadas permitem compreender que o Cassina se tornou um ponto de inflexão na história urbana de Manaus, pois nele se condensaram diferentes temporalidades e experiências sociais. A análise demonstrou que o edifício não pode ser reduzido a sua materialidade, mas deve ser entendido como espaço de performances, memórias e disputas simbólicas. Nesse sentido, as hipóteses levantadas foram confirmadas ao evidenciar que o Cassina expressa tanto a glória da borracha quanto as marcas da exclusão e da violência.

O percurso investigativo mostrou que o Cassina não apenas refletia práticas de sociabilidade, mas também as produzia, inscrevendo-se como ritual de distinção e,

posteriormente, como lugar estigmatizado. Essa trajetória confirma a hipótese de que os espaços urbanos amazônicos são constituídos por dinâmicas de poder que oscilam entre visibilidade e marginalidade. As imagens e narrativas em torno do Cassina revelam a complexidade de uma cidade em constante processo de reinvenção.

A discussão teórica e empírica realizada aponta que o patrimônio não é um conceito fixo, mas prática em movimento, atravessada por disputas políticas e sociais. O reconhecimento jurídico do Cassina como patrimônio cultural mostrou-se exemplo de como a memória urbana é institucionalizada, sem eliminar tensões. Ao mesmo tempo, o edifício se manteve como arena de vozes plurais que reivindicam sua inscrição em narrativas coletivas. Essa constatação amplia o entendimento sobre patrimônio e memória na Amazônia.

No campo prático, a análise sugere que a preservação de espaços urbanos deve ser pensada em articulação com experiências sociais e culturais que os atravessam. A patrimonialização do Cassina evidencia que proteger não significa apenas conservar ruínas, mas também valorizar memórias silenciadas e promover reconhecimento. Isso reforça a necessidade de políticas culturais que não apenas registrem bens, mas também criem condições para a pluralidade de narrativas que dão sentido à cidade.

Ao mesmo tempo, a pesquisa abre caminho para novas investigações que possam aprofundar a relação entre patrimônio, memória e disputas contemporâneas na Amazônia. Estudos futuros podem explorar como diferentes grupos sociais utilizam os espaços patrimonializados para projetar identidades, ou ainda como ruínas urbanas se transformam em instrumentos de resistência. O Cassina, nesse sentido, é apenas uma das portas de entrada para compreender os paradoxos da memória urbana amazônica.

Por fim, a análise crítica realizada revela que o Cassina sintetiza não apenas a história de um edifício, mas a própria trajetória de uma cidade atravessada por disputas de poder. A pesquisa contribui para o debate acadêmico ao evidenciar como a patrimonialização é inseparável das práticas sociais e das narrativas que a sustentam. Assim, o estudo reafirma a importância de ler os espaços urbanos amazônicos como arquivos vivos, capazes de revelar tanto glórias quanto feridas que ainda ressoam na memória coletiva.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Denison Melo de. O princípio da dignidade da pessoa humana e a tutela jurídica do conhecimento tradicional associado ao manejo pesqueiro. 2012. 191 f. Dissertação (Mestrado em Direito Ambiental) – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2012.

AGUIAR, José Vicente de Souza. Manaus praça, colégio e cinema anos 50 e 60. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 2002.

BLANC, Claudio. Uma breve história do sexo. São Paulo: Editora Gaia, 2010.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. Identidade de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960). Tese (Doutorado em História) – UFF, Niterói, 2010.

CAVALCANTE, Lauro; GUIMARÃES, Dinah. Arquitetura de motéis cariocas: Espaço e organização social. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

CHARTIER, Roger. À Beira da falésia: A história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

COUTINHO, Carlos Augusto. Manaus: aspectos históricos e culturais. Manaus, 2006.

FIGUEREDO, Aguinaldo Nascimento. Bairro de Santa Luzia – História e memória do povo do Emboca. Manaus: Edições Muiraquitã, 2010.

FIORENTI, Mariana Cunha Ferrari. Vila Palmira – prostituição em Florianópolis e São José (1960-1980). In: FÁVERI, Marlene; SILVA, Janine Gomes; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). Prostituição em áreas urbanas: História do tempo presente. Florianópolis: UDESC, 2007.

FREITAS, Sônia Maria de. História oral: Possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas, 2006.

LARGMAN, Esther. Jovens polacas: Da miséria na Europa à prostituição no Brasil. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 2007.

MATTÉ, Aline Karem. Prazeres velados e silêncios suspirados: Sexualidade e contravenção na região colonial italiana (1920-1950). Dissertação (Mestrado) – PUC-RS, Porto Alegre, 2008.

MELLO, Lucius de. Eny e o grande bordel brasileiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

NOVAES, Carlos Eduardo; LOBO, César. Sexo para principiantes: Da idade das cavernas à era dos motéis. São Paulo: Ática, 2003.

OLIVEIRA, José Aldemir de. Manaus de 1920-1967: A cidade doce e dura em excesso. Manaus: Valer; EDUA, 2003.

ORUN, T. Thomas. As mulheres das portas abertas: judias no submundo da Belle Époque amazônica (1890-1920). Revista Estudos Amazônicos, v. VIII, n. 1, 2012.

PASINI, Elisiane. Os homens da Vila: Um estudo sobre relações de gênero num universo de prostituição feminina. Tese (Doutorado) – UNICAMP, Campinas, 2005.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. A cidade sobre os ombros: Trabalho e conflito no porto de Manaus, 1899-1930. Manaus: EDUA, 2003.

PRIORE, Mary Del. Histórias íntimas: Sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

SANTOS JÚNIOR, Paulo Marreiro dos. Pobreza e prostituição na Belle Époque manauara: 1890 – 1917. *Revista de História Regional* 10(2):87-108-, Inverno, 2005.

SARGES, Maria de Nazaré. Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912). Belém: Paka-Tatu, 2010.

SILVA, Clodoaldo Matias da; COSTA, Aretusa Fraga; OLIVEIRA, Maria das Graças Maciel de; ALMEIDA, Janderson Gustavo Soares de. Entre saberes ancestrais e vozes femininas: diálogos interétnicos e resistências da AMISM na Manaus urbana. *Revista Taka'a, Barra do Bugres (MT)*, v. 3, e2025006, 2025.

STEARNS, Peter N. *História da sexualidade*. São Paulo: Contexto, 2010.